

Editor: Carlos Marcelo
pensar.df@diariosassociados.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

**Três poemas
(1910)**

Ele gostava de três coisas neste mundo:
o coro das vésperas, pavões brancos,
e mapas da América já bem gastos.
Não gostava de crianças chorando,
nem de chá com geleia de framboesa
e nem de mulheres histéricas.
... E eu era a mulher dele.

**Prólogo de Réquiem
(1937)**

Houve um tempo em que só sorriam os mortos, contentes de poderem repousar. E como um apêndice superfluo, balançava Leningrado, pendurada às suas prisões. E quando, enlouquecidos de sofrimento, os regimentos de condenados iam embora, para eles as locomotivas cantavam sua aguda canção de despedida. As estrelas da morte pairavam sobre nós e a Rússia inocente torcia-se de dor sob as botas ensanguentadas e os pneus das Marias Pretas.

**E o último
(1963)**

Ela pairava sobre nós, como uma estrela sobre o mar, procurando com um raio a noma onda mortal. Dor e desventura a chamaste, mas nunca lhe deste o nome de alegria.

De dia, à nossa volta, voava qual gaivota. Em nossos lábios desabrochava, num sorriso. Mas, à noite, as suas mãos geladas sufocavam a noma dois ao mesmo tempo. Em cidades diferentes.

E sem se impressionar com louvações, esquecendo os pecados anteriores, afundava-se no insone travesseiro murmurando versos amaldiçoados.



**ANNA, A VOZ DA RÚSSIA —
VIDA E OBRA DE ANNA
AKHMÁTOVA**

De Lauro Machado Coelho. Editora Algodão, 512 páginas, mais CD. R\$ 120.

Editora Algodão/Divulgação

**Obra apresenta ao Brasil
a vida intensa e a poesia
vigorosa da escritora
Anna Akhmatova**

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem lê *Anna, a voz da Rússia — Vida e obra de Anna Akhmatova*, de Lauro Machado Coelho, termina o livro com a boa impressão de que, de fato, conheceu bem alguém importante. E é um prazer difícil de definir esse de conhecer Anna, a mulher forte que foi capaz de produzir uma das obras poéticas mais vigorosas e longevas do século 20. Anna foi a porta-voz de todas as Rússias, sem perder a ternura e o sonho, ao mesmo tempo que mantinha vigilante a consciência dilacerada da realidade que marcou cruelmente sua existência.

A obra de Coelho faz jus à jornada literária da mulher que ensinou à poesia russa a maneira feminina de ver e de dizer as coisas. O portentoso volume traz, além de um abrangente relato biográfico, rico em detalhes pessoais e reproduções de documentos, significativo número de poemas traduzidos em português e transliterados a partir da pronúncia russa, o que faz com que o leitor tome contato com o brilhante efeito sonoro da produção poética de Akhmatova. Coelho vai, ao longo da narração da vida da poeta, apresentando poemas e comentando criticamente algumas composições. O manancial poético e histórico reunido nas páginas do livro é coroado por um delicado CD que reúne poemas lidos pela própria Anna Akhmatova, traduções lidas pela atriz Beatriz Segall e também *Música*, canção inédita de Gilberto Mendes feita sobre poema da escritora.

Anna, quase desconhecida do público brasileiro, é uma das mais queridas autoras russas, especialmente porque encarna características apreciadas por seu povo: a cultura ampla, sólida e diversificada, o orgulho dos antepassados, o desejo de justiça, a força diante das mais cruéis adversidades. Nascida em junho de 1889, em Bolshói Fontán, às margens do Mar Negro, Anna veio ao mundo com o sobrenome de Andréievna. Mais tarde, quando o pai descobriu que ela fazia versos, disse-lhe que tomasse cuidado para não envergonhar a família. Indignada e persistente, Anna escolhe o sobrenome Akhmatova, tomado da bisavó materna de origem tatar. A advertência do pai não seria nem de longe o principal obstáculo para Anna se tornar a importante poeta do século que viu desenarem-se sobre a face de seu país conflitos do processo modernizador: guerras, fome, perseguição política, terror.

A primeira parte de *Anna, a voz da Rússia* contempla os anos de mocidade de Akhmatova e seus primeiros amores, desilusões e experimentações poéticas. Desses anos, há poemas de qualidade impressionante, que revelam uma artista conscientemente formada na sólida leitura de uma tradição literária densa como a russa. A relação com essa tradição, no entanto, não impede Akhmatova de realizar rompimentos altamente produtivos e marcantes para a época, como se tornar a primeira mulher russa a "não escrever como homem". De fato, a alma feminina é o que melhor aparece poeitizado em seus poemas de primeira fase.

Do casamento com o poeta Nikolái Gumilióv, apesar dos inúmeros problemas e das desavenças, Anna levará a felicidade de ter um filho (Liev, com quem sempre teve relação conturbada) e um aprendizado poético aprofundado. O laconismo, os travos sutis de uma visão incisivamente rebelde acerca do local bem posto destinado à mulher aparecerão em sua obra e farão parte substancial de sua visão peculiar da existência feminina. A separação de Gumilióv aparece, por exemplo, numa delicada peça de incomparável precisão e força lírica, típica de Akhmatova: "Quer saber como aconteceu? — / Soavam as três na sala de jantar e, / ao dizer adeus, já segurando o corrimão, / ela, com dificuldade, conseguiu dizer: / 'Isso é tudo... Ah, não, ia me esquecendo, / eu te amo, eu te amei, / até mesmo naquela época' — / 'Sei'".

Pouco a pouco a mulher que retratava como



ninguém a posição feminina numa relação íntima vai amadurecendo e conhecendo os segredos mais negros que a vida poderia reservar a uma mãe, esposa e escritora russa. Seu estilo, então, vai destilando aos poucos uma consciência que seria a de todas as mães, de todas as esposas, de todas as vozes oprimidas da Rússia revolucionária no período do terror stalinista. Esse poder de alcance lírico, que soube tornar coletiva a voz mais individual, é diagnosticado pela poeta Marina Tsvietáieva, que a chama de "Anna de todas as Rússias". No tocante e longo poema *Réquiem*, traduzido e reproduzido na íntegra por Lauro Machado Coelho, essa figura de porta-voz do povo russo aparece em plenitude poética.

Grito de dor

Em *Réquiem*, Anna dá forma poética ao grito de dor das mulheres russas que perdem maridos e filhos diante dos muros da penitenciária de Leningrado, onde o próprio filho, Liev, era detento político. A poeta, que jamais abandona seu país, malgrado o terror e a perseguição, lança um grito lírico comovente, universal e intemporal porque verdadeiro, contra o desmando e a intolerância. A própria história do poema é interessantíssima. Elaborado a partir de pequenos poemas que se vão complementando (segundo dizem, para ser fácil de guardar de cor por Akhmatova e por aqueles que a conheciam e admiravam), o *Réquiem* sobreviveu à censura, mas demorou para ser publicado. Data de 1963 a primeira publicação integral, em Munique, na revista da Associação dos Escritores no Estrangeiro, mas apenas em 1987, 47 anos depois de sua elaboração final, pôde ser editado na União Soviética. Em *Réquiem*, o leitor encontrará versos fortes e difíceis como os do Epílogo: "Aprendi como os rostos se desfazem/ como o pavor dardea sob as pálpebras/ com seus ruginhos carateres cuneiformes,/ como os cachos negros ou cíntenos/ de um dia para outro se praticam,/ como em lábios submissos o sorriso fenece/ e, com um risinho seco, como se treme de medo".

Outro grande momento da obra de Akhmatova que *Anna, a voz da Rússia* apresenta é o da elaboração do segundo poema longo e significativo da autora: o *Poema sem herói*. Brilhantemente traduzido por Lauro Machado Coelho, o texto apresenta um lirico que assume postura diferente da de *Réquiem*. Enquanto neste Anna absorve a voz das ruas e vê o terror a partir delas, no *Poema sem herói* a perspectiva é a de quem está no alto de uma torre, a

fim de enxergar a história russa, seus personagens e fatos, enfeixando-a com referências pessoais. A elaboração do *Poema sem herói* estende-se por 22 anos. Somente em 1962 Akhmatova o considera terminado. O que vemos no poema, cujo tempo é o catalisador principal, é um "exame de fantasmas". Personagens literários, homens com quem a poeta conviveu e personalidades históricos cruzam-se numa mascarada arlequinal.

E a voz que fala no poema toma o sentido da lembrança, da investigação memorialística, sempre avaliando o preço dessas lembranças e encarando-as, embora o preço de lembrar seja alto para quem sobreviveu. Os mortos invadem o poema e o próprio tempo torna-se o herói da narrativa entre as figuras fantasmais. O clima do baile de máscaras macabro de Akhmatova (alegoria do próprio século 20 que ela tão bem conheceu pelo avesso) pode ser sentido nestes versos do *Poema sem herói*: "Fogueiras aqueciam a noite de Natal/ e as pontes transbordavam de carruagens/ e toda essa cidade funerária/ navegava para um rumo não sabido/ ou pelo Nevá abixo ou rio acima,/ fúgindo para bem longe dos sepulcros".

Se fosse apenas pelas traduções e relatos da história desses dois imensos poemas da poesia universal, *Anna, a voz da Rússia* já seria digno do mais sincero louvor. Mas Lauro Machado Coelho faz mais: apresenta, às vezes de modo sensível, a personalidade de uma mulher capaz de enfrentar quase tudo de terrível que a vida pode reservar a uma mulher (tiranía masculina, filho preso, doenças de toda espécie, perseguição). Uma poeta capaz de afirmar a vida, mesmo diante das maiores adversidades. Uma artista e escritora que recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade de Oxford; que posou para Modigliani, com quem se sentava em bancos de Paris para ler poemas; que escreveu versos que Maiakovski recitava à amada; que recebeu um dia um telefonema de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir para cumprimentá-la por um prêmio. Assim conhecemos uma mulher que dá nome a uma estrela, descoberta em 1989 por astrônomos russos e que, sob todas as desgraças, foi capaz de dizer, impávida: "Sobre tantos abismos cantei/ em tantos espelhos vivi. / Não sou nem o sonho nem o consolo/ e menos ainda o paraíso".

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE PRAFORA (7LETRAS)